ANO 1 - NÚMERO 0 - OUTUBRO 2014

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R$ 7,90

ENCANTOU-SE A DONA SINHÁ

ENCANTOU-SE A DONA SINHÁ
MULHER MAIS IDOSA DO ENTORNO/DF MORRE DE TANTO VIVER pg 08

ACESSIBILIDADE
POR QUE?
PRA QUEM?
pg 12

GASTRONOMIA CERRATENSE
EMPADÃO GOIANO
pg 16

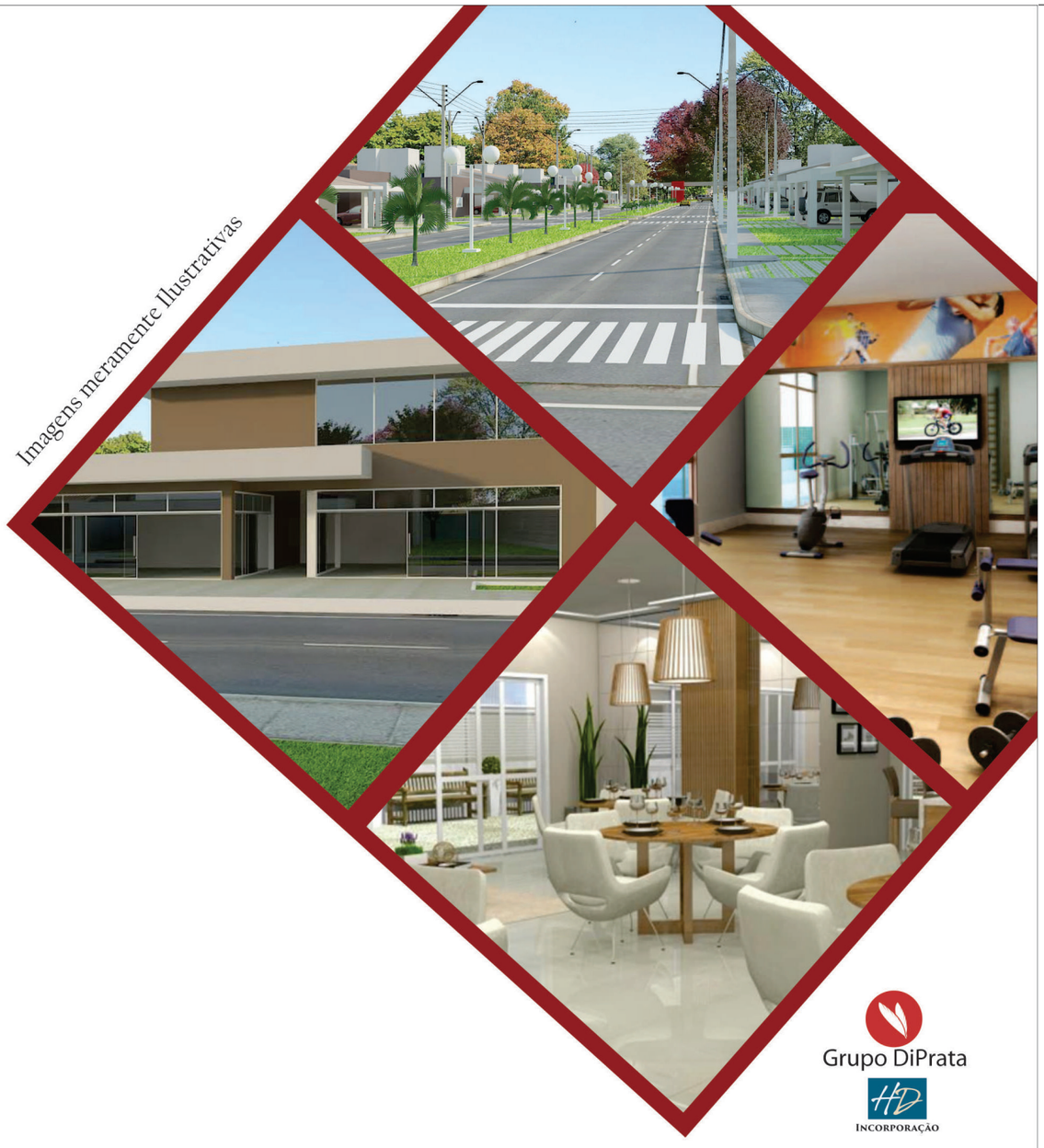
CONDOMÍNIO

ASAS DOURADAS

Conforto e Qualidade de Vida

Paraíso do Bem-Viver no Coração de Formosa
a menos de 80 km de Brasília

- **SEGURANÇA NA PORTARIA**
- **MONITORAMENTO 24H**
- **REDE ELÉTRICA**
- **REDE DE ESGOTO**
- **ESPAÇO FITNESS**
- **PISTA PARA CAMINHADA**
- **ACESSIBILIDADE**
- **ASFALTO**



Imagens meramente Ilustrativas

Grupo DiPrata

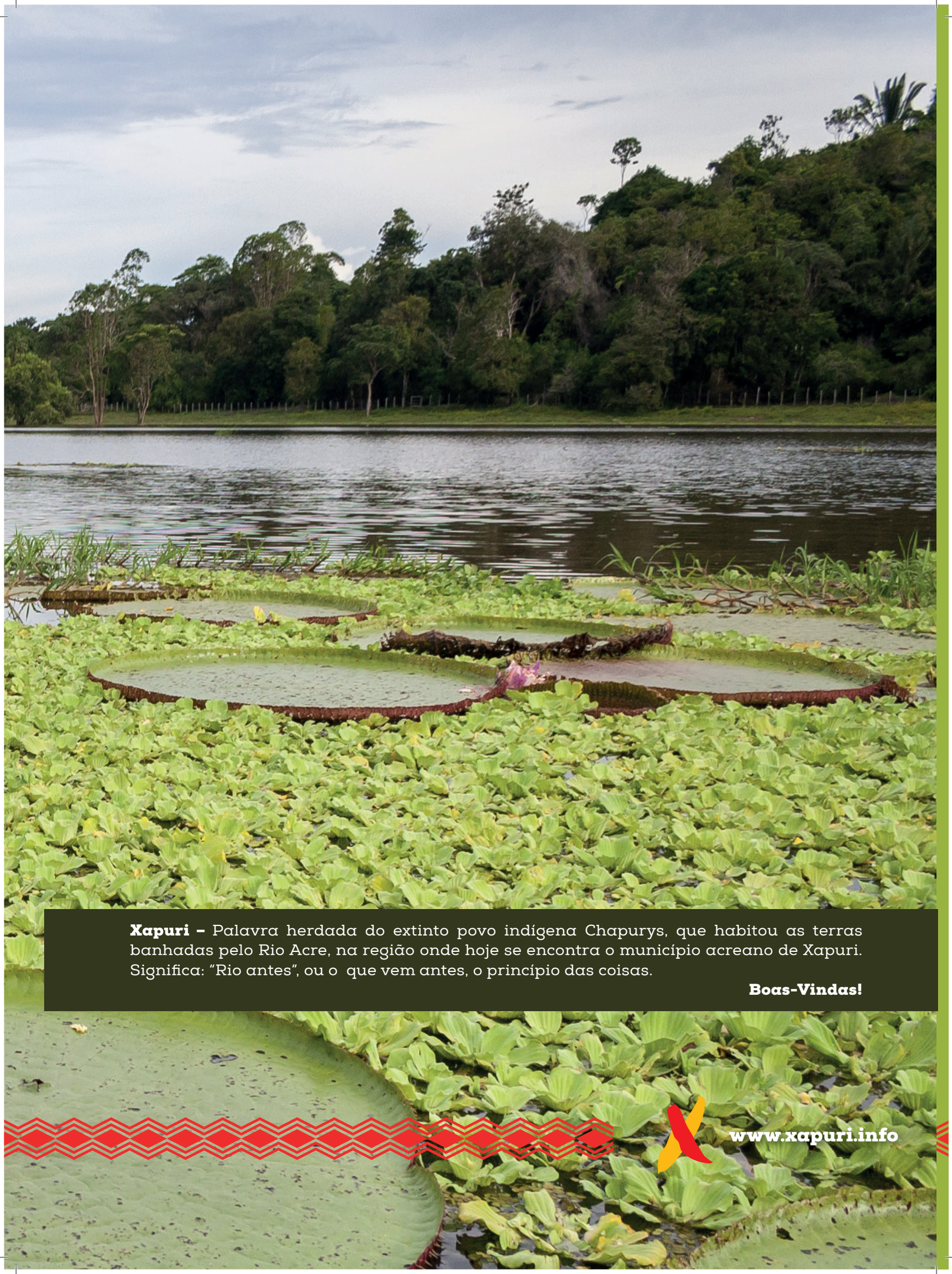
HD INCORPORAÇÃO

Condomínio Asas Douradas

Rua Heitor Vila Lobos – Setor Jardim Califórnia – Formosa – Goiás
(ao lado da Loja Maçônica)

Preços somente com os corretores, por telefone, ou na Imobiliária DiPrata

(61) 3631.8029 / 8625.7084



Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

www.xapuri.info

O QUE VEM ANTES

Em novo estudo sobre as mudanças climáticas, a Organização das Nações Unidas (ONU) nos traz novas e preocupantes evidências dos impactos negativos da atividade humana sobre a vida na Terra. As revelações foram feitas no recente Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), promovido pela entidade, que alerta sobre o aquecimento global.

Segundo o documento, os cientistas têm 95% de certeza de que o desmatamento e a emissão de gases poluentes por meio da queima de combustíveis fósseis são as principais causas do aquecimento registrado desde meados do século XX. Ou seja, para que nosso planeta sobreviva, as nações terão que fazer mudanças drásticas em suas economias e na condução de suas políticas socioambientais.

No Brasil, mesmo as pessoas mais céticas começam a sentir o efeito das mudanças climáticas em suas próprias vidas. A seca do Sistema Cantareira, em São Paulo, e a falta de chuvas em vários outros estados brasileiros ganharam espaço na mídia e na preocupação da população. Evitar o agravamento da situação é tarefa dos governos, das entidades e das pessoas, no mundo inteiro.

Aqui no Planalto Central, bem como nas demais regiões brasileiras, a ocupação desordenada tem provocado a degradação do ambiente e da cultura popular. O Cerrado, o Pantanal Mato-Grossense, a Amazônia, todos os biomas brasileiros e suas populações padecem com essa interferência. Entretanto, temos a certeza de que a mudança da consciência de todos e todas nós, agentes desse processo, é algo que podemos alcançar, antes de seguirmos adiante.

É com esse objetivo que surge esta revista. A **Xapuri Socioambiental** optou por compartilhar conhecimento. Nesta edição e nas que virão daqui para a frente, a cada mês, você encontrará informações relevantes para fazer a sua parte na construção desse outro mundo ainda possível.

Boa Leitura!

Jaime Sautchuk
Zezé Weiss

> *Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.*
>
> *Thiago de Mello*
> *Os Estatutos do Homem – Artigo 2º*

COLABORADORES/COLABORADORAS OUTUBRO

Amanda Lima – Publicitária; **Anderson Blaine Melo Ferreira** – Web Designer; **Daniel Ferreira** - Fotógrafo; **Guilherme Cobelo** – Historiador, Músico, Compositor, Escritor; **Lúcia Resende** – Redatora, Revisora, Relações Públicas da Associação das Pessoas com Deficiência de Formosa (ADFFOR), Goiás; **Marcelo Abreu** - Jornalista; **Tereza Almeida** - Pedagoga. Co-Coordenadora do Encontro do Bonito de Culturas Populares. – Jornalista, Cientista Social, Autora do livro Vozes da Floresta, 1ª ed. Xapuri 2010, 2ª ed. Gráfica do Senado 2013.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Graça Fleury
4. Juan Pratginestos
5. Marcelo Manzatti
6. Neusimar Coelho
7. Priscila Silva
8. Socorro Alves
9. Ronei Alves
10. Rui Faquini

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 3044 7755. **E-Mail:** revista@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. **CNPJ:** 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Janaína Faustino (61) 9611 6826. **Edição:** Jaime Sautchuk (61) 9918 0933 – Zezé Weiss (61) 9974 3761. **Revisão:** Lúcia Resende, Maria Helena Schuster. **Produção:** Zezé Weiss. **Jornalista Responsável:** Thais Maria Pires - 386/GO **Capa:** Foto greenpeace.org **Tiragem:** 500 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa - Brasília, Goiás, Planalto Central. Revista Web - Todo o território nacional.

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 00 OUT 14

08 **MEMÓRIA**
Encantou-se Dona Sinhá

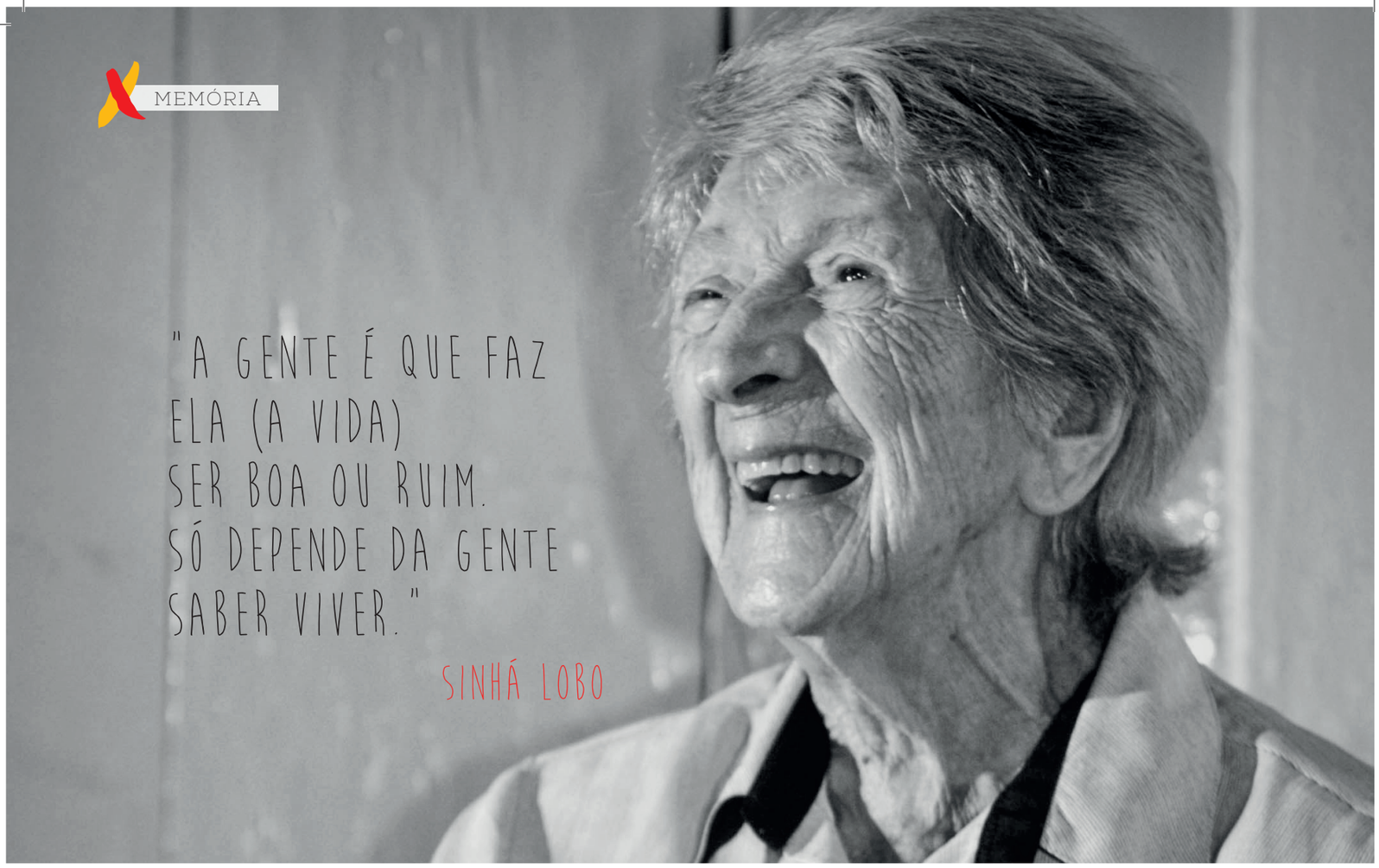
12 **MOBILIDADE**
Acessibilidade

13 **BRASÍLIA**
Outubro Rosa

14 **ECOTURISMO**
São Jorge

16 **GASTRONOMIA CERRATENSE**
Empadão Goiano

18 **ECONOMIA CRIATIVA**
Dom Caixote,
Profissão Livreiro



ENCANTOU-SE A DONA SINHÁ

Marcelo Abreu

Católica praticante, Maria Augusta Lobo andou preocupada com a mudança do papa na Igreja. A renúncia de Bento XVI a deixou angustiada. "Será que foi perseguição?", perguntou ela a uma das netas. E emendou: "Tomar conta do mundo inteiro não deve nada ser fácil. Vamos torcer para que dê tudo certo com o Papa Francisco". Mulher atenta, sabia tudo o que se passava ao seu redor. E isso vinha de muitos, muitos anos.

Maria Augusta nasceu no comecinho do século passado. Viveu todo o século 20. E chegou ao 21 com memória de menina peralta. Março, 22, ela completou 109 anos. Melhor repetir: 109. Os 109 março de dona Sinhá. No início de agosto, a mulher mais idosa do Entorno goiano e do Distrito Federal morreu, em casa, quietinha, depois de um suspiro profundo. Sinhá morreu de tanto viver. Encantou-se.

O que ela achava da idade? "Já isso tudo, meu Deus?", espantava-se. Mulher simples, não se reconhecia no próprio nome, que julgava pomposo demais. Preferia ser chamada de dona Sinhá, que tinha mais a ver com afeto, com colo. A cidade inteira a chamava de Sinhá. Ela foi única. E foi, certamente, a moradora mais ilustre de Formosa (GO), distante 80 km de Brasília.

Dona Sinhá agarrou-se à vida com gosto de viver. Toda a história dela poderia ser contada como se fosse um conto. Um conto bom, daqueles que, quando se

chega ao fim, é bom voltar e começar tudo de novo. Decidida, sempre soube o que queria fazer. E como conduziria a própria vida. Aos 16 anos, casou-se com Jonas Lobo, moço quatro anos mais velho. Juraram amor eterno. Tiveram seis filhos. E, todo dia, quando ele chegava da rua, lhe trazia flores.

Único amor

Mas o destino não quis que essa história fosse muito longe. Aos 35 anos, Jonas, o amor de Sinhá, morreu de tuberculose. Sinhá chorou choro de dor e amor. E jurou que, dali pra frente, cuidaria apenas dos filhos. Enlutou-se. Vestiu preto por 33 anos. "Ele foi o primeiro e único homem que amei na vida", repetia, com olhar ainda apaixonado. Na sala da casa centenária, Jonas, na parede, acompanhou os passos da amada. "É a foto dele. O Jonas era muito bonito", suspirava a mulher de 109 anos.

Mas a vida precisou seguir. Dona Sinhá engoliu o choro. Segurou a dor. Havia seis filhos para criar. Era 1938. Viúva aos 30 e poucos anos, mesmo vestida de preto e engolindo o choro de saudade do seu eterno Jonas, foi trabalhar fora (o que era impensável para a mulher dos anos 1930, do início do século passado). O juiz da cidade a nomeou escrivã do cartório. E assim nasceu a primeira escrivã de Formosa, com letra bordada do curso primário do Colégio.

Por décadas, registrou os nascimentos, os casamentos, as certidões de morte do povo de Formosa. E evitou que muitos pais colocassem nomes estranhos nos seus filhos. Quando havia alguma sonoridade duvidosa, esquisita, ela aconselhava o

pai que não seria bom para a criança. Sempre conseguia demovê-lo da ideia.

Jonas devia sentir um orgulho danado da mulher que a sua Sinhá havia de tornado. D. Sinhá, que foi apaixonada a vida inteira, falava dele com carinho imenso. Durante 17 anos, ele a fez a mulher mais feliz do mundo. Inundava a casa com as orquídeas de que tanto a amada gostava. Até morrer, ela eternizou o cheiro na sua memória. Sempre havia orquídeas e rosas pela casa.

Exemplo de vida

Dona Sinhá protegeu a família com força de leoa. Fez todos os filhos estudarem. E de uma coisa ela nunca abriu mão: que todos fossem à missa aos domingos. Devota de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, dona Sinhá creditava à fé a superação da dor da perda do marido. "Foi o que me fez seguir", ela admitia. A neta Augusta Lobo, 59 anos, que dona Sinhá chamava de Netinha, emenda: "A fé fez minha avó viver tanto".

Dos seis filhos de dona Sinhá, apenas as duas mais velhas estão vivas: Edna, de 90 anos, e Elza, 88. E, sempre, mesmo adultas, pediam-lhe conselhos. Elza se diz feliz e privilegiada por ter tido, aos 88 anos, uma mãe. "Foi uma bênção", emociona-se.

Preocupada com a violência que assola até mesmo a antes pacata Formosa – hoje com pouco mais de 100 mil habitantes –, dona Sinhá dava bronca em Edna, quando descobria que ela andava caminhando sozinha pelas ruas: "Já disse pra essa menina ter cuidado. Formosa não é mais a mesma". Edna ouvia. Prometia não fazer traquinagem. Peralta, voltava a andar sozinha. Edna adora bater perna, andar pela Praça Rui Barbosa, ir à feira. Dona Sinhá nem sonhava...

Memória e Esperança

Há três anos, uma queda e a consequente fratura do fêmur levaram dona Sinhá a uma cadeira de rodas. Mas isso foi apenas um detalhe. Ela continuou dando conta de tudo – do que se passava dentro de casa e no mundo. É ali, na Rua Herculano Lobo, 232, (boa parte das ruas de Formosa leva o nome da família, que foi uma das primeiras habitantes da região), onde morou por mais de 90 anos, que ela acompanhou a vida. Foi uma observadora atenta.

> "AS PESSOAS NÃO MORREM. FICAM ENCANTADAS.
>
> GUIMARÃES ROSA

Dona Sinhá nunca se perdeu dela mesma. Sua casa foi sempre um ponto de encontro. Das duas filhas vivas, dos 25 netos, dos 54 bisnetos e dos 28 tetranetos. Sabia o nome de cada um. Se faltava algum, queria logo saber por que não foi. Dona Sinhá nunca perdeu as rédeas da vida. E isso sem arrogância ou voz alterada.

Aos 109 anos, com lucidez invejável e sem doença crônica – o diabetes passou longe, embora a hipertensão arterial tenha lhe dado sustos nos tempos derradeiros –, dona Sinhá comandava o próprio caminho. Sabia de tudo que se passava ao seu redor. Não perdeu o rumo. Tinha o controle das emoções e dos pensamentos.

Dizia, com sabedoria peculiar: "Nunca fiz nada de errado. Não aceito que as pessoas venham tripudiar de mim". Centenária, quando a vida parecia não ter mais novidades, ela continuava a fazer amigos. Os mais recentes foram monges que chegaram à cidade. Eles chamavam-na carinhosamente de Vó Sinhá. Visitavam-na quase todos os dias. Conversavam, falavam da vida, de religião, dos problemas do mundo. Mas, inquieta, ela só desejava uma coisa: sair daquela cadeira de rodas. Pra quê? Ela respondia, com sorriso maroto: "Pra fazer doce de ambrosia pros meus amigos monges".

Enquanto não levantou da cadeira de rodas, foi organizando a vida com as suas pernas emprestadas. Todo santo dia, antes do almoço, tomava seu cálice de vinho. Era sagrado. Adorava pequi. E não dispensava uma boa carne de porco.

À noite, não jantava. Tomava uma vitamina ou um copo com leite. Dona Sinhá não sabia o que é gripe havia muito tempo, para a alegria e o espanto do clínico Sebastião Rezende, o médico e amigo por quase 50 anos.

Mulher Coragem

Foi ali, naquela mesma casa, que a família sempre recorreu à matriarca, quando queria ouvir uma palavra certeira, um conselho. Dona Sinhá era sábia. Ouvia e dizia o que pensava. Até com as duas cuidadoras em tempo integral (depois da cadeira de rodas, passou a contar com o cuidado de duas moças). Certa vez, uma delas estava com pressa para sair. Dona Sinhá só observou a movimentação.

Quando a moça foi embora, ela sapecou: "Tava doida

pra ir namorar na praça". Gargalhada geral de quem ouviu o comentário. Quando se perguntava pra ela qual o segredo de tanta vida, de tanto otimismo, dona Sinhá não hesitava: "A gente é que faz ela (a vida) ser boa ou ruim. Só depende da gente saber viver". E foi assim, com essa sabedoria não aprendida nos livros, que a mulher de 109 anos conduziu cada passo de sua fé inabalável. Dona Sinhá pediu a Deus, todos os dias, que nunca caducasse. Ele atendeu. Por que o pedido tão insistente? "Pra gente ter alguma utilidade na vida, meu filho", explicava.

A vida a testou. Ela aceitou o desafio. E se tornou uma mulher que comandou uma família inteira. Edna, a filha mais velha, aquela que ainda levava broncas da mãe depois dos 80 anos, não se cansava de elogiar: "O que me encantava nela era a determinação. Sempre foi assim. Sempre soube o que quis". Augusta, filha de Edna, define a avó: "Ela era coragem, força e fé. É assim que vou vê-la para sempre".

O bisneto Rodrigo Bittar, de 42 anos, definiu: "Conviver com uma pessoa como vó Sinhá foi ter contato com a história real em carne e osso. E o mais interessante foi poder apresentar essa vivência ao meu filho de 6 anos, que se encantava quando conversava com ela, como se fosse fantasia".

A neta Myriam Margareth Lobo Benini, de 49 anos, que morava com ela, e acompanhava diariamente as histórias, as emoções e os pequenos sustos da avó, fala, extasiada: "Até antes de morrer, minha avó se levantava perguntando se as roseiras já tinham florido. Será para sempre uma grande lição de vida". Isabela Lobo Turra, tetraneta de 15 anos, é só elogios à dona Sinhá: "Com o passar dos anos, ela conseguiu ficar ainda mais maravilhosa. Aprendi sempre com seus ensinamentos".

A família inteira reverenciava os ensinamentos de dona Sinhá. Em cada aniversário dela, estavam todos lá – dos mais novos aos mais velhos. Cantando juntos os parabéns à mulher que escreveu essa linda história.

Tim-Tim, dona Sinhá!

No último aniversário, em março, o que desejar para a mulher que completava 109 anos? Mais vida? Mais luz? Mais sabedoria? Mais lucidez? Mais aniversários? Tudo isso foi desejado. Estar perto dela, ouvir suas histórias e sorver sua inteligência foi uma dádiva. A festa dos 109 anos foi dela, mas o presente foi de todos que tiveram o privilégio de desfrutar de sua sábia, forte e determinada trajetória.

Tim-tim, dona Sinhá! Com uma taça de vinho, claro, a sua bebida preferida. Um brinde à longa vida. À avó que não morreu. Apenas está encantada.

fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press

ACESSIBILIDADE

POR QUÊ? PARA QUEM?

Lúcia Resende

Responda:

- *Diante de um degrau, você sobe facilmente?*
- *Em um lugar público, você se acomoda bem nos assentos disponíveis?*
- *Diante de uma lixeira ou algum outro obstáculo, numa calçada, consegue se desviar?*
- *Ao sinal de alerta em uma fila de banco, por exemplo, você se dirige rapidamente ao local da chamada?*
- *Ao chegar a uma loja, você consegue dizer o que quer?*
- *Num semáforo, atravessa a rua com segurança?*

Se você respondeu afirmativamente a todas as questões, é sinal de que tem facilidade de locomoção, fala, vê e ouve bem. Mas nem todas as pessoas são assim! O que é atividade corriqueira para você pode ser obstáculo intransponível para outra pessoa.

Já imaginou como as situações acima podem ser complicadas para uma pessoa com alguma deficiência, uma pessoa idosa, obesa ou de baixa estatura? E ainda para quem conduz um carrinho de bebê ou para uma gestante? A legislação brasileira vem sendo aprimorada desde a década de 1980, mais intensamente a partir da Constituição Federal de 1988 e, com o Decreto-Lei nº 5.296/04, estabelece, de modo claro e inequívoco, as regras para que o direito de ir e vir seja assegurado a todos e a todas.

Garantir acessibilidade exige eliminar barreiras. Isso requer sensibilidade, conscientização e, principalmente, determinação conjunta.

> *“Acessibilidade é um direito de toda pessoa, com ou sem deficiência. Garantir acessibilidade é obrigação do Estado, mas também de cada indivíduo.”*

É necessário e urgente desconstruir não só as barreiras arquitetônicas, as barreiras tecnológicas, mas, sobretudo, as atitudinais, alicerçadas em uma cultura equivocada, de raízes seculares.

Que tal pensar nisso e fazer a sua parte?

OUTUBRO ROSA

Tereza Almeida

O Brasil fez parte, durante o último mês de outubro, do movimento internacional conhecido como Outubro Rosa, que simboliza a prevenção, o incentivo ao diagnóstico precoce e a luta contra o câncer de mama. O movimento surgiu na última década do século 20, nos Estados Unidos da América.

O laço rosa da campanha foi usado pela primeira vez em 1990, durante a primeira Corrida pela Cura do Câncer de Mama, realizada pela Fundação Susan G. Komen (www.komen.org), em Nova York - EUA. Ninguém sabe ao certo onde nem quando se iniciou o costume de iluminar de rosa prédios e monumentos ao redor do mundo.

No Brasil, o primeiro registro de prédio iluminado foi o Mausoléu do Soldado Constitucionalista, mais conhecido como o Obelisco do Ibirapuera, em 02 de outubro de 2002. Hoje, tanto as grandes cidades quanto os pequenos municípios brasileiros organizam ações e atividades de prevenção do Câncer de Mama durante o Outubro Rosa.

CAMINHADA ROSA
ÁGUAS LINDAS

Em Águas Lindas de Goiás, município goiano localizado na região metropolitana do Distrito Federal, cerca de 150 mulheres, coordenadas pelas secretarias municipais de Saúde e Ação Social, caminharam pelas ruas da cidade no dia 29 de outubro para celebrar o Outubro Rosa. Ou, conforme Aleandra de Sousa, Secretária de Ação Social e primeira-dama do município, "Caminhamos para celebrar o investimento de Águas Lindas de Goiás na qualidade de vida de nossas mulheres".

fotos: acervo Prefeitura Municipal de Águas Lindas-GO

SÃO JORGE

PORTA DE ENTRADA DA CHAPADA DOS VEADEIROS

fotos: Ian David

Amanda Lima, Zezé Weiss

São Jorge é uma vila pacata, de menos de mil almas, encravada no sopé de um morro que se chama Morro das Tábuas, a menos de 40 km da mística cidade de Alto Paraíso de Goiás e a cerca de 1 km da entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no coração de Goiás.

Cercada por um Vale Encantado e por águas termais que brotam do seio da terra, essa colorida e encantadora vila recebe turistas do Brasil e do mundo inteiro, o tempo todo, porém a alta temporada a torna mais buliçosa a cada mês de julho, que é quando acontece o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com a presença de grupos culturais de vários estados brasileiros.

Mas tem gente que chega mais cedo, no dia 23 de abril, época em que as casas, ruas e comércios se vestem de vermelho e branco para celebrar São Jorge, o santo padroeiro da Vila. Quem vem para o "Abril a Temporada", festival de resgate da fé, da cultura e da tradição das comunidades da região, costuma visitar também o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, as várias cachoeiras, e também as muitas comunidades místicas de Alto Paraíso de Goiás.

Para a maioria desses passeios, é exigido o acompanhamento de guia credenciado/a junto ao Centro de Atendimento ao Turista (CAT). Antes ou depois de um passeio pela natureza, vale a pena uma caminhada pelo comércio artesanal da rua principal da Vila ou, quando a fome chegar, uma parada em um dos muitos quiosques, bares e restaurantes de comidas típicas de Goiás, do Brasil e de várias partes do mundo.

Detalhe importante: em São Jorge a comunidade faz a Coleta Seletiva. Portanto, para ajudar a manter a vila feliz, limpa e saudável, coloque o seu lixo em uma lixeira ou recicle os seus resíduos no Posto de Entrega Voluntária (PEV), que fica na pracinha da rua central da Vila.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) protege uma área de mais de 65 mil hectares de Cerrado de altitude, com diversas formações vegetais, centenas de nascentes e rochas com mais de um bilhão de anos.

Criado em 1961, o PNCV é gerido pelo Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e tem como objetivos a pesquisa científica, a educação ambiental e a visitação pública. As caminhadas guiadas por trilhas ecológicas e os banhos de cachoeira são as atividades preferidas por quem visita o Parque.

Em 2001, o PNCV foi declarado Patrimônio Mundial Natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura (Unesco).

COMO CHEGAR A SÃO JORGE E AO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS

Partindo de Brasília, são cerca de 260 km até o Distrito de São Jorge, no município de Alto Paraíso de Goiás. De Goiânia, a distância é de 460 km. Da rua principal de São Jorge até a entrada do Parque, o caminho é curto, só mais 1 km.

O acesso a Alto Paraíso é feito pela BR-020, em direção norte, passando pelas entradas de Sobradinho e Planaltina-DF, rumo a Formosa. Depois de passar por Planaltina e pela entrada da Unidade de Conservação Águas Emendadas, antes de Formosa, chega-se a um trevo, onde você deve pegar a BR-010, sentido Alto Paraíso, que depois da divisa do Distrito Federal com Goiás passa a se chamar GO-118.

Logo na entrada de Alto Paraíso existe um trevo com um grande portal-obelisco. Nele, dobre à esquerda em direção a São Jorge e siga pela GO-239 por mais 22 km de rodovia pavimentada e 14 km de terra (em vias de asfaltamento). Em caso de dúvidas, contatar o Centro de Atendimento ao Turismo (CAT): 62 3446-1309.

foto: shutterstock.com

EMPADÃO GOIANO

Em Goiás se diz que o empadão goiano, surgido na antiga Vila Boa de Cora Coralina há mais de 150 anos, tem ancestralidade em Portugal e na Espanha, mas abrasileirou-se tanto que, se alguns frutos como o pequi, a guariroba e a jurubeba dão identidade gastronômica ao Planalto Central, o empadão representa a própria alma do povo goiano.

MASSA

½ kg de farinha de trigo
250 g de manteiga gelada (mas já amolecida) ou 250 g de gordura
3 ovos
1 colher (café) de sal
Leite gelado (o necessário para amassar).

Preparo: Coloque a farinha numa bacia, faça um buraco no meio e coloque a manteiga ou gordura, 2 ovos e o sal. Misture com as mãos, e vá acrescentando leite gelado aos poucos e amassando, até que fique uma massa homogênea, macia e soltando das mãos. Reserve.

RECHEIO

1 frango (ou 3 coxas com as sobrecoxas)
200 g de queijo minas ou prata
200 g de pernil
200 g de linguiça de porco
4 ovos
1 xícara (chá) de guariroba cortada em rodelas fininhas, previamente preparada e cozida (opcional)
3 dentes de alho
Sal a gosto
1 cebola média
Cheiro verde e azeitonas a gosto.

Preparo: Faça o frango ensopado ao molho de tomate. Deixe o molho mais grosso. Desfie-o em pedaços pequenos (não deixe desmanchar). Pique o pernil em pedaços pequenos, tempere-os, refogue-os bem e deixe-os cozinhar até que fiquem macios. Faça o mesmo com a linguiça. Cozinhe os ovos, pique-os e reserve. Corte o queijo em pedaços pequenos. Misture tudo com o frango, sem mexer muito.

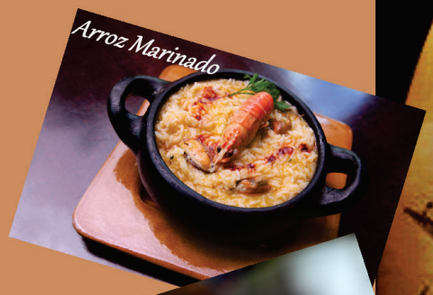
MONTAGEM

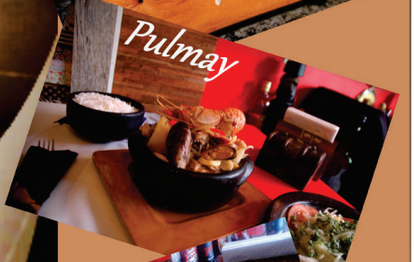
Divida a massa em 2 partes, sendo uma maior que a outra. Unte um pirex médio ou 6 formas de empadão com manteiga e reserve. Pegue a parte maior da massa, coloque-a entre 2 folhas de plástico e abra-a com o rolo. Forre um pirex ou as formas com a massa no fundo e nas laterais. Bata a clara do ovo restante com um garfo e passe-a sobre a massa para impermeabilizá-la (reserve a gema) e fure-a com um garfo. Leve para pré-assar por 10 minutos. Retire do forno e reserve. Depois que esfriar um pouco, coloque o recheio frio e cubra com a massa restante (que também foi aberta, entre 2 plásticos, com rolo). Bata a gema com 1 colher de água e passe com 1 pincel sobre a massa. Leve para assar em forno médio.

Rendimento: 12 porções
Tempo de preparo: 90 minutos

fonte: comidaereceitas.com.br/salgados/empadao_goiano

Tem Um Navio Pirata Chileno, Cheio de Tesouros, Ancorado na Asa Norte...





...Bem-Vindos à Bordo!

Primeiro restaurante em Brasília especializado em comida caseira chilena, representando a gastronomia e a cultura do Chile na cidade. A comida chilena é fortemente influenciada pelos espanhóis e indígenas Mapuches, explorando iguarias da terra e do mar numa mescla de sabores, texturas e aromas muito agradáveis e inusitados ao nosso paladar.

A partir das oito da noite, sextas e sábados, promovemos shows musicais/performances com artistas da cidade e também fomentamos encontros de poetas, escritores e dramaturgos num sarau cultural que se renova a cada semana.

Abrimos de terça a sábado para happy hour/jantar à partir das seis da tarde, e às sextas e sábados também para almoço, de meio-dia às quatro da tarde.

Reservas: 3522-5363 e 8114-5360.

CLN 310 - BLOCO A - LOJA 38 - TÉRREO
caleuchecomidachilena@gmail.com

fotos: acervo Dom Caixote

DOM CAIXOTE, PROFISSÃO LIVREIRO
E UM BREVE ROTEIRO DOS SEBOS DE BRASÍLIA

Guilherme Cobelo

Acabo de sentar à minha mesa para escrever sobre livros & livreiros. Gostaria de incrementar meu texto com referências históricas, mas pouco sei do assunto. A não ser que eu escreva de um ponto de vista bastante subjetivo, investigando minhas memórias e experiências em busca de substância. Afinal, desde que a micro-história ganhou legitimidade historiográfica, os relatos pessoais ganharam estatuto de verdadeiras fontes primárias. Então lá vou eu. Mergulho em minha história para me manifestar: o tema se esboçará por si só.

Atualmente um dos meus trabalhos é no comércio de livros. Eu e minha companheira Tâmara tocamos há um ano o sebo (ambulante) Dom Caixote. Migramos com nossa mesa e nossos caixotes para ali e para lá. Ora montamos em um café, ora em uma feira-livre, ora em uma feira de vinis. Fazemos o que um sebo-loja faz, porém à nossa maneira, por fora.

Há cinco anos eu fazia essa migração com os livros na mochila e nas mãos, de mesa em mesa, bar em bar, café, adega, onde fosse e onde pudesse. Vendia razoavelmente bem e podia voltar mais ou menos tranquilo para minha quitinete vagabunda, com dinheiro no bolso.

"Cada sujeito desses pode passar a vida bem", disse João do Rio em 1906, referindo-se aos camelôs de livros, a "próspera profissão da miséria" (RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Companhia de Bolso, 2009. p. 87). Em duas semanas conseguia assegurar as contas do mês. No dia seguinte fazia minhas voltas em busca de mais livros, sempre alimentando o acervo que se renovava diariamente. Trabalho solitário, garimpo.

Nas ruas vira e mexe eu topava com outros ambulantes, livreiros ancestrais como o célebre Faraó, especializado em autores e editoras brasilienses, o Jorge, grandalhão, carregando uma pilha tão enorme quanto aleatória, o escritor Marco Polo com seu colete-vitrine, o único que ainda vejo perambulando por aí. O Faraó agora vende pimenta, e o Jorge nunca mais vi; estará vivo?

"Os vendedores de livros são uma chusma incontável que todas as manhãs se espalha pela cidade, entra nas casas comerciais, sobe aos morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento. Há alguns anos, esses vendedores não passavam de meia dúzia de africanos, espapaçados preguiçosamente como o João Brandão na praça do Mercado. Hoje, há de todas as cores, de todos os feitios, desde os velhos maníacos aos rapazolas indolentes e aos propagandistas da fé." (RIO, João do. A alma encantadora das ruas. p. 85).

E de lembrar que tudo começou com uma biblioteca desfeita... Algo em torno de 300 livros, Cortázar, Hesse, Murilo Rubião, Augusto dos Anjos, Rimbaud, Lautrèamont, Carl Solomon, Burroughs, Poe, Calvino, Nietzsche, Camus, Villon, Lovecraft, Bob Dylan... Muitas pessoas perguntavam se eu não tinha dó de vender tanta pérola.

Eu explicava, na língua das ostras, que não estava me desfazendo deles por meros trocados para uma e outra cerveja, uma e outra carteira de cigarro. Claro que esses gastos também estavam envolvidos na contabilidade do mês, mas não era esse o ponto. Lembro-me de um cara me dizendo uma vez que tinha pena da minha mãe, querendo dizer com isso que eu estava arruinando a biblioteca dela.

É o tipo de suspeita que um sebista ambulante desperta nas pessoas: "esse tanto de livro só pode ser roubado". Calúnias à parte, eu estava realmente envolvido com essa coisa de ser livreiro, de ter uma pilha respeitável embaixo do braço e me relacionar com as pessoas por meio desse papo silencioso que rola entre o leitor-cliente e o leitor-livreiro.

A imagem que sempre me vem à mente, uma imagem antiga, é a de um velho sentado na porta de sua loja, recebendo os "clientes" habituais e casuais. Ora, ele

conhece muito bem o seu espaço, o seu domínio, transita com desenvoltura entre as estantes, agarra com precisão os volumes que procuram. Entre ele e os outros existe uma relação de cumplicidade muito peculiar, uma troca de imaginários constante, (con)fusão de sonhos, empatias mútuas, confiança e, também, cinismo.

Lembro o trecho de um romance ocultista (Zanoni) que li, no qual certo livreiro é celebrado por sua excelentíssima coleção de livros insólitos, tratados de magia, compêndios esotéricos, poemas alquímicos que faziam suspirar os conoisseurs, os eruditos. Seu ofício era quase o de um guardador-de-segredos, revelados apenas àqueles que haviam sido iniciados nos mistérios do oculto.

Lembro também uma referência – talvez tenha lido em um artigo sobre as livrarias antigas de São Paulo – sobre um livreiro que recomendava aos clientes que, fosse o caso de não desejarem guardar o livro, o vendessem de volta. Rá! Quantas vezes não desejei correr atrás daquelas edições raras que frequentemente aparecem uma vez apenas em nossa vida.

O Panamérica de José Agrippino de Paula, por exemplo, primeira edição, 1967, folha de papel cretone ou de pão, sei lá. Anos atrás entreguei ele a um escritor conhecido (embora maldito) da cidade, dizendo que talvez fosse de seu interesse investigar o texto e a vida do autor, pois ele passara grande parte de sua vida na esquizofrenia e havia morrido recentemente e pouco se escrevia sobre ele etc. Fato é: o livro ficou com ele uns quatro anos, e muitas vezes eu me pegava pensando o quanto tinha sido displicente passando o livro daquela maneira.

Por que eu mesmo não escrevia nada sobre o cara? Contracultura literária brasileira de primeira linha. Comprara a "epopeia" pela bagatela de 3 reais em um sebo na Asa Norte. Há quem peça 300 na internet.

Passei um ano tentando reaver o dito cujo até que desanimei com a probabilidade do meu conhecido tê-lo perdido, como o próprio lamentou na época. Para a minha sorte, contudo, acabou achando e recentemente tive o Panamérica de volta. Não vendo mais, mesmo que não vá escrever nada sobre ele. Ficará comigo à disposição de quem quiser lê-lo. Entre outros, muitos outros. Se um dia eu estiver passando fome ou qualquer outra necessidade, talvez até cogite vendê-lo, mas com a certeza de que antes terei copiado ele inteiro.

Agora, como estamos falando de livros e pérolas, gostaria de esboçar um breve roteiro de sebos em Brasília para o bibliófilo bem disposto e curioso. Não aquele que espirra e se coça na primeira poeira, sendo isso o bastante para ir-se embora, mas aquele que se agacha, limpa o ranho, suja as mãos, dá peteleco em traça e sabe que muitas vezes a pedra mais preciosa está socada no meio da montanha.

Então vem, vamos lá. Como diz a Cila do Coco, a cidade tem movimento, quem quiser vir pode passear. Não falarei das lojas célebres, por motivos óbvios. Façamos o contrafluxo. Limitarei o roteiro por enquanto apenas à W3 sul:

I – Começando na 510, vá andando pela calçada, passando pelos restaurantes, cabeleireiros, armazéns, lojas de ferragens, até se deparar com a banca de jornal "Nova Era". Não se intimide com o pouco espaço. Em frente ao balcão verá umas três estantes de ferro lotadas de livros. Baratos e bem conservados. Algumas pérolas. Cassandra Rios, edição dos anos 50. Cadernos de literatura do instituto Moreira Sales. Ariano Suassuna. Hitchcock/Truffaut. Ainda leva um bom picolé de frutas do cerrado por apenas R$ 1,70. Detalhe: a livraria é praticamente ignorada.

II – Prossiga andando rumo à 512. Depois que atravessar o restaurante Roma, haverá outra banca, bem mais largada e mais aberta. Logo verá um tanto de livros "em exposição, cheios de pó, com as capas entortadas pelo sol". Talvez lá no fundo esteja o Fulano sentado, tocando seu pífano de PVC ou preparando alguma beberagem à base de cacau. Lá você encontra bons livros a preços módicos. Sade. Mate-me por favor. Sartre. Rousseau. E uma vasta coleção de revistas eróticas e pornográficas. Suecas, russas, húngaras. Escatologia e breviários bíblicos. Beauvoir e Plínio Marcos. Não encontrará água para matar a sede, nem picolé. Só livros, revistas, CDs e DVDs. Esturricados, é verdade. Mas o preço compensa.

III – Mais à frente, no rumo da 514, haverá uma banca sabiamente coberta de lona (azul). Adentrará o recinto passando por um corredor apinhado de livros e mais livros. Sentado ao fundo haverá o Sicrano sentado assistindo à TV. Atrás dele e por toda parte: livros e mais livros! Ali tem que ser garimpeiro. E convém não ser alérgico. Muitos estarão com indícios de mofo... Paciência. Entre Freud, Tolkien, biografia de Madame Satã e coleções de Ficção Científica, talvez até encontre uma boa vitrola a preço negociável. A gruta do caçador. Coragem. Conheça. Esqueça os sebos famosos por um tempo e se aventure neste mundo empoeirado.

Depois desse giro pelos sebos "lado b", dá para perceber que ainda existem boas livrarias na cidade e que é possível economizar mesmo quando se trata de relíquias. Em tempos de mega stores, nos quais o mercado livreiro está bastante debilitado, resistências inconscientes pipocam aqui e ali, quase que à margem do pomposo cenário mercantilista.

Aquela imagem do velho em sua livraria não deixa de ser uma fantasia em minha mente, conquanto seja raro encontrar alguém que conheça bem o seu produto. É verdade que tem o Chiquinho lá na UnB, que sabe de tudo um pouco e conhece bem os clientes que tem.

Nós do sebo Dom Caixote buscamos de alguma forma realizar essa imagem do livreiro que é praticamente uma ponte, um guia e um guardião. A um sebo não basta vender livros usados, tem que ter uma personalidade, ou várias. Tem que ser motivo de encontro, revelação, descoberta. Quem sabe um dia não viramos também uma editora? Tudo é possível. A ver. Por enquanto continuamos com o apartamento cheio de livros espalhados nas estantes, nas mesas, nos armários e pelo chão. Querendo a lista, enviamos para o seu e-mail, sem grilo. Livre-se!

Aproveite suas férias.
Deixe sua casa sob nossos cuidados.
TASS
61 3033 3333